



## OS RIOS DA TRANSCENDÊNCIA DE GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO



## THE RIVERS OF TRANSCENDENCE OF GUIMARÃES ROSA AND MIA COUTO

CRISTIAN PAGOTO

ARIANE QUEIROZ PEREIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 26/04/2021 • APROVADO EM 30/07/2021

---

### Abstract

---

Our objective is to investigate the theme of water and time in the short stories *The third bank of the river* (1962), by João Guimarães Rosa, and *In the waters of time* (1994), by Mia Couto. These two stories discuss the issues of life and death from the representation of crossing the river, and about the experience with the time. In order to understand the presence of water as a material element, which reveals the substance and the fate of the characters, we will use the study by Gaston Bachelard (1997), **Water and Dreams**. Water represents the renewal of ancestry, a reference to sacred and profane times. Theoretical contribution to the understanding of sacred and profane time will be Mircea Eliade (2008), who defines the experience of the religious man as *mysterium tremendum* and *mysterium fascinans*, two experiences that are represented in the life experience of the characters and lead them to other possibility of real. The father and the grandfather, respectively characters of Guimarães Rosa and Mia Couto, when crossing the waters, they destabilize the known banks and promote a reflection on being and being in the world.

---

### Resumo

---

Nosso objetivo é investigar a temática da água e do tempo nos contos *A terceira margem do rio* (1962), de João Guimarães Rosa, e *Nas águas do tempo* (1994), do autor Mia Couto. As duas *estórias* dialogam sobre as questões da vida e da morte a partir da representação da travessia pelo rio, e sobre a experiência diante o tempo. Para compreendermos a presença da água como um elemento material, que revela a substância e o destino dos personagens, utilizaremos o estudo de Gaston Bachelard (1997), *A água e os sonhos*. A água representa a renovação da ancestralidade, fazendo referência aos tempos sagrado e profano. O aporte teórico para a compreensão do tempo sagrado e profano será Mircea Eliade (2008), que define a experiência do homem religioso como *mysterium tremendum* e *mysterium fascinans*, duas experiências que estão representadas na vivência dos personagens e os conduzem a outra possibilidade de real. O pai e o avô, respectivamente personagens de Guimarães Rosa e Mia Couto, ao realizarem a travessia pelas águas desestabilizam as margens conhecidas e promovem uma reflexão sobre o ser e o estar no mundo.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** River. Time. Transcendence.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio. Tempo. Transcendência.

---

### Texto integral

---

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os contos *A terceira margem do rio*, do livro **Primeiras estórias**, escrito por João Guimarães Rosa e publicado em 1962, e *Nas águas do tempo*, de **Estórias abensonhadas**, escrito pelo autor moçambicano Mia Couto e publicado em 1994. Nossa principal intenção é identificar, nas duas histórias, ou melhor, *estórias*, as possíveis aproximações acerca da simbologia do rio, da travessia e do tempo.

Primeiramente, refletiremos, de forma geral, sobre algumas características comuns entre os dois autores, tanto em relação à linguagem poética como acerca da temática. Depois, apontaremos a relação metafórica entre o rio/água e a morte, entre o conhecido e o desconhecido, procurando refletir sobre os significados possíveis da terceira margem. Por meio de exemplos dos dois contos, apresentaremos uma reflexão acerca da travessia realizada pelos dois personagens, pai e avô.

Num segundo momento, nossa intenção é associar a água ao destino humano. Para tanto, apresentaremos a significação e a metáfora da água, segundo os postulados teóricos de Gaston Bachelard. Em seu livro **A água e os sonhos**, ele afirma que “a matéria ajuda a determinar o destino humano” (BACHELARD, 1997, p. 83), pois a água consiste num elemento material que abre as portas do nosso subconsciente para o mundo metafísico e imaterial. A partir destes postulados, instaura-se a percepção de um mundo material e de outro imaterial e imaginativo, como também de um tempo profano e sagrado. Para refletiremos sobre a representação do tempo e sua correlação com o rio, seguiremos os estudos de Mircea Eliade (2008), em **O sagrado e o profano**, que nos apresenta como estes dois tempos constituem a experiência do homem religioso. Uma experiência

marcada, ainda, pelo tenebroso e pelo fascínio, pela atitude de distanciamento e atração em relação ao surgimento de outra possibilidade de realidade.

A proposta da pesquisa consiste, também, em identificar nas discussões que envolvem as questões do rio e da margem elementos que ora se aproximam e ora se distanciam da reflexão sobre a vida e a morte. Nesse sentido, para Guimarães Rosa e Mia Couto o espaço do rio não é um mero cenário trivial de paisagem e beleza natural, mas adquire um significado imaginativo, transcendente e está intimamente ligado à alma e às ações dos personagens. Conforme diz Paulo Rónai “Todos os rios do mundo de Guimarães Rosa têm três margens” (RONAI, 2005, p.31), ou seja, são rios que transcendem a vida e o tempo, estimulando a busca e a imaginação dos personagens por algo desconhecido e inominável, estabelecendo conexões com o seu eu interior. Assim também são os rios de Mia Couto, um convite para percorrer e desvendar seus espaços desconhecidos.

Justifica-se a relevância dessa pesquisa visto que a arte não tem apenas a função de refletir, mas também de transcender. *A terceira margem do rio* e *Nas águas do tempo* são contos carregados de reflexões que nos desafiam a pensar na vida em sociedade e na ligação do homem com o tempo, na relação da vida e da morte e a transcender espaços inomináveis por meio da literatura e do universo da linguagem poética.

## 2 ADENTRANDO MARGENS DESCONHECIDAS

*A terceira margem do rio* apresenta a estória de um pai de família que mandou encomendar para si uma canoa que acomodasse apenas o remador e, de um dia para outro, sem dar maiores explicações a sua família, lançou-se nas águas de um rio para de lá nunca mais sair. *Nas águas do tempo* nos é contada a estória de um avô que tem como principal interesse levar o neto para navegar em um lago de origem sagrada e desconhecida, com o objetivo de ensinar ao menino sobre como acontece a comunicação entre os vivos e os seus ancestrais no mundo dos mortos, por meio das idas e vindas ao lago.

O leitor do escritor moçambicano perceberá de imediato as proximidades da linguagem poética e da estrutura narrativa do mundo narrado por Rosa. O próprio Mia Couto, em sua entrevista à revista **Carta Capital**, não nega a influência de Guimarães Rosa em sua prosa poética “Marcou-me especialmente (o conto) *A Terceira Margem do Rio*. Aquilo foi um abalo sísmico na minha alma, porque ali estava o que eu e outros estávamos procurando” (COUTO, 2016, s/p.).

Guimarães Rosa e Mia Couto trazem no título de seus livros, **Primeiras estórias** e **Estórias abensonhadas** um significado profundo do termo *estória*, podendo este ser compreendido como uma referência ao universo das invenções das palavras e da narração tradicional. Suas narrativas são permeadas pela tradição oral, na qual o popular e o erudito se misturam e reavivam o universo mítico e poético presente nos contos. As narrativas de ambos são envolvidas em uma aura de contação de estórias e poesia, entrelaçadas através de metáforas, símbolos e mitos que atribuem um caráter universal as ações dos personagens. Segundo Paulo Rónai a palavra *estória* referida nas narrativas de Rosa “envolve-se

numa aura mágica, num halo de maravilhosa ingenuidade, que as torna visceralmente diferentes de quaisquer outras” (RONAI, 2005, p. 22). Essa atmosfera mágica presente na trama narrativa também está presente no livro de Mia Couto que, em seu prefácio, anuncia que as histórias falam desse “território onde todo homem é igual, assim; fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta” (COUTO, 2012, p. 6). Levando em conta estes sentidos, utilizaremos o termo *estória* para se referir aos dois contos.

Outro ponto que aproxima os dois escritores é a busca do universal a partir da representação de uma literatura mais circunscrita ao regional: no caso de Rosa, o sertão, e em Mia, a cultura ancestral de Moçambique, suas tradições e a permanência de seus mitos e crenças. Nestes espaços, os temas universais surgem revestidos de sentidos místicos, religiosos e metafísicos, pois tanto Guimarães como Mia Couto expressam-se através de uma linguagem poética, fruto de um trabalho cuidadoso e sofisticado com as palavras. Ambos recriam a língua portuguesa, renovando-a e ao mesmo tempo nos assombrando diante das maravilhas da palavra e do mundo.

A obra **Primeiras histórias**, de Guimarães Rosa, é o primeiro livro do autor composto por narrativas curtas e assim como as suas obras anteriores, **Sagarana** e **Grande sertão: veredas**, nela fica evidente a temática da viagem-travessia empreendida pelos personagens como uma metáfora da vida e do destino humano, através da qual alcançam assim a sua parcela de transcendência. Conforme Benedito Nunes “Para Guimarães Rosa, não há, de um lado o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito da travessia, um cujo processo o mundo se faz” (NUNES, 2013, p. 85).

Já **Estórias abensonhadas** reúne contos, também curtos, que foram escritos após a guerra civil em Moçambique, cujo término foi em 1992. Diante de um país destruído e arruinado, Mia Couto soube ver entre os destroços a esperança, a semente “a engravidar o tempo”. No mais íntimo do povo moçambicano sobreviveu algo que a violência, a guerra e a barbárie não conseguiram destruir, lugar privilegiado e sagrado, lugar em que “a terra guardou, inteiras, as suas vozes” (COUTO, 2012, p. 6).

Notamos que Mia Couto e Guimarães Rosa ao falarem da existência humana, do real e do irreal, do profano e do sagrado, colocam-nos igualmente diante de pensamentos e questionamentos que fazemos há milênios sobre a inevitabilidade do tempo e da morte, questionando-nos sobre o sentido da vida. As ações de cada personagem e como cada um deles enfrenta os dilemas do conhecido e do desconhecido revelam de forma ficcional e simbólica como a humanidade vem lidando com as questões da vida após a morte, a partir de sentimentos de esperança, apreensão, dúvida ou medo.

A temática da morte não é mencionada nas narrativas, mas se faz presente de forma sutil e sensível. Morrer é um processo físico a que todo ser humano um dia se confrontará, mas muitas pessoas têm dificuldades de falar sobre o assunto por este estar relacionado ao desejo de fuga, a sentimentos como medo e apreensão. Nas duas histórias a morte é representada de forma metaforizada para designar o desconhecido, um mistério indizível, mas que, no entanto, tem sempre algo a mais que se quer revelar. Nos contos, a morte não significa o fim das coisas, ela surge como uma tentativa de transfigurar a partida de um ente querido por

meio de uma viagem, uma travessia sem fim pelo rio. A simbologia do fluxo do rio ganha um sentido análogo ao do tempo e da vida: o fluxo contínuo das águas, de sua correnteza, simboliza o próprio fluxo da vida que caminha para a morte. Desta forma, os personagens dos contos, o pai e o avô, recebem uma dimensão para além do esperado e do imaginável.

O pai permanece no ir e vir das águas, não mantém contato com nenhum ser humano, mesmo com as diversas tentativas dos familiares de estabelecer uma possível comunicação: “A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu” (ROSA, 2005, p. 80). Mediado pelo rio, o pai transcende por excelência uma morte em vida. O que esse homem “só quieto” tinha para se comunicar ultrapassava os limites do entendimento de todos, dado que a sua viagem sem volta configura um mistério rumo ao desconhecido e ao inominável. Assim, “A água é um convite à morte; é um convite a uma morte especial que nos permite penetrar num dos refúgios materiais elementares” (BACHELARD, 1997, p. 58), ou seja, o mundo invisível do devaneio e dos sonhos, aquele que existe além da vida, fora do pensamento e do tempo.

Nos contos em questão temos a relação simbólica entre o tempo e o rio, o rio como símbolo de eternidade, que se mostra na travessia do homem em busca de lugares além do plano físico, na busca por algo desconhecido e inominável. O pai, personagem do conto de Guimarães Rosa, e o avô, figura central da narrativa de Mia Couto, assemelham-se por serem homens de poucas palavras, mais gestuais do que verbais, sendo os protagonistas descritos, respectivamente, como “só quieto” e “vovô era dos que se calam”, direcionando o leitor a pensar em sujeitos reflexivos e introspectivos. Aliás, o silêncio parece ser nos dois contos uma condição essencial para alcançar o desconhecido, para se chegar a outra margem, ou para reinstaurar outro sentido – sobre esse silêncio significativo, Eni Orlandi, em **As formas do silêncio**, afirma que o silêncio indica que o sentido por ser outro, ou que aquilo que é mais importante não se diz: “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 11). Silêncio que marca a vida dos personagens pai e avô nos contos e evocam uma existência perfeita, desprovida de palavras mas repleta de sentido, como confirma a expressão do narrador do conto moçambicano: “Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos” (COUTO, 2012, p. 10). O silêncio é, ainda, condição para uma contemplação mística, talvez um exercício para entender os mistérios da vida. Silêncio, gestos e olhares são muito mais comunicativos nestes contos do que a palavra verbalizada – lembremos que o silêncio é fundamental para alcançar a sabedoria e a paz interior, ou para se chegar a um elevado estado de interiorização.

Observamos esse contato individual do homem e do rio como tempo-eternidade no entre lugar da vida e a morte. Em **O rio e a casa**: imagens do tempo na ficção de Mia Couto, Ana Claudia da Silva, ao analisar *Nas águas do tempo*, enfatiza que:

O rio inverte o seu curso no momento da morte das personagens – inversão percebida somente por elas – é o tempo da vida que retorna às suas origens: corre para a fonte ou, no conto que analisamos, deságua no grande lago de onde teria surgido o primeiro homem (SILVA, 2010, p. 6).

Partindo desse ponto, o rio nas duas estórias se apresenta como um lugar permanente, parado e silencioso. “O rio, para outras paragens, *longe*, no não encontrável. *Só ele soubesse*” (ROSA, 2005, p. 80 grifos nossos). Nesse sentido, só o pai e o avô sabiam o que o esperavam na outra margem, por isso desapegaram de tudo que fazia parte do mundo sensível, incluindo seus familiares. E frente à tentativa dos familiares em entender a escolha do pai, em *A terceira margem do rio*, observamos palavras como: “ermo” “perpétuo” e “ausência”, que descrevem a vagação do pai em sua canoa, conforme narrado pelo seu filho, e também representam a ausência do pai frente às tentativas de aproximação de seus familiares, uma aproximação sempre vã, pois o patriarca da família já transpôs o mundo sensível na direção de uma realidade ideal e imaterial, pondo sempre “perpétuo” na terceira margem.

Nas palavras de Mia Couto o rio ganha a dimensão de um lugar provido de eternidade sagrada “lugar, onde não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades” (COUTO, 2012, p. 12). Em Guimarães Rosa: “O rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável?” (ROSA, 2005, p. 80), representa o ser e estar subconsciente do mundo ideal, ou seja, a terceira margem. Sendo assim, entende-se a manifestação do autor em dizer que “os grandes rios são profundos como a alma de um homem”, pois estes guardam elementos e segredos de um universo metafísico e imaterial, que representa a nossa vida espiritual. Nesse sentido, esses autores nos indicam algo que está além do nosso entendimento no não-encontrável, entre o limiar das margens de cá e de lá.

O sentido de limiar entre dois mundos, o material e o imaterial, também figura na imagem da canoa. Se em Rosa ela lembrava um jacaré – “a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa” (ROSA, 2005, p. 78) – em Mia Couto parece mais um tronco de árvore sendo levado pelo rio: “parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado” (COUTO, 2012, p. 9). Nesse sentido, podemos pensar que a canoa, responsável pela travessia, está ao mesmo tempo inserida na cultura e na natureza, configurando-se ela mesma um elemento de passagem. O pai encomendou a sua canoa, ela foi construída e representa um objeto material, integrante de uma realidade social e cultural, porém quando ela desliza sobre as águas lembra um jacaré, elemento natural; já o avô efetuava a travessia num “pequeno concho” que ao entrar no rio parecia seguir sozinho o fluxo das águas, assemelhando-se a um tronco. Neste sentido, a canoa nas duas narrativas configura uma imagem-travessia, um elo que materializa a viagem ao mesmo tempo que a envolve em um percurso metafísico.

Partindo de tais definições, até os títulos dos contos direcionam o leitor a um lugar além do mundo visível, causando uma recepção de estranhamento. Em *A terceira margem do rio* a palavra “terceira”, causa questionamento porque nos remete à seguinte pergunta: o que seria a terceira margem, visto que um rio tem duas margens? E *Nas águas do tempo*, isso também ocorre na palavra “tempo”, pois existem muitas perspectivas diferentes e individuais de classificar o tempo, o que também nos encaminha a seguinte reflexão: o que seria o tempo na vida dos seres humanos? Além disso, a relação entre água e tempo é sugerida na seguinte

expressão: “a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre” (COUTO, 2021, p. 14).

O protagonista Riobaldo de **Grande Sertão: veredas** diz: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no *meio* da travessia” (ROSA, 1994, p. 86, grifo nosso). Sendo assim, é pertinente notar que o pai ao abandonar a família para viver dentro de uma canoa, permanece no “meio” da margem. Podemos dividir as margens em três momentos: filho, pai e rio. A primeira margem é o mundo visível (filho), a segunda margem é o ato preparatório para transpor a terceira margem (o pai e a canoa), e a terceira seria o mundo inteligível (rio). Uma tríade que desestabiliza uma certa ordem criada pelo pensamento filosófico ocidental, baseada sobretudo na filosofia socrática que afirmava, em seu discurso dialético, a existência de duas possibilidades: o falso e o verdadeiro, o certo e o errado. A lógica binária socrática excluía uma terceira solução, pois o universo imaginário não pode ser reduzido a uma afirmação falsa ou verdadeira, não pode ser verificado como existente. Neste sentido, tudo aquilo que pertence ao imaginário, ao sonho ou devaneio é desvalorizado, denominado de mentira, falsidade e capaz de conduzir ao erro. O terceiro elemento como algo legítimo e privilegiado do pensamento só encontrará valorização a partir do final do século XIX, graças aos estudos empreendidos pela psicanálise, pela mitologia e pela filosofia. O sonho, o pensamento mitológico, a memória são aspectos que ganham estatuto de verdade e, portanto, a terceira margem não nos leva ao irreal e sim conduz-nos a outra forma, também legítima, de acessar outra realidade.

A sociedade ocidental, guiada pelo pensamento racionalista, positivista e progressista, compreende que o objetivo do homem é alcançar algum fim, ou construir algo visível, material, que a vida humana é uma caminhada rumo a um crescimento e a um progresso a ser alcançado. Nesse caminho, o ócio, o nada são excluídos. Tudo isto se encontra à margem, talvez, numa terceira margem como nos mostra Guimarães Rosa. E, talvez, como ilustra Mia Couto, tudo que existia ali no lago, o limite entre a terra e água, entre duas margens, “Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir” (COUTO, 2012, p. 10). Para dar expressão a esse universo terceiro, indefinido, porém real, o autor moçambicano utiliza uma série de palavras que lembram estados transitórios ou intermediários, palavras que revelam uma fluidez: “incerta hora”, “águas nenufarfulhadas”, “soncando”, “desmaio de cor”, “margem da miragem”.

Semelhantemente ao pai, o avô também permanece no segundo plano até saltar ao desconhecido e adentrar o terceiro mundo: “E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios?” (COUTO, 2012, p. 13). O neto vive essa experiência de partida do avô, ao contrário do filho, que sofreu consideravelmente com a decisão do pai, sendo o único membro da família que não prosseguiu normalmente com a sua vida. Em determinado ponto, até mesmo a segunda margem onde se encontra o pai, serve como ato preparatório de desprendimento, quando o filho se oferece para ficar no lugar do pai: “O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” (ROSA, 2005, p. 82). Esse ato quase se configura como um desprendimento, porque foi este o único momento em que o filho tomou coragem para enxergar o mundo segundo os olhos de seu pai, porém desistindo logo em seguida, por medo do desconhecido, talvez por vislumbrar no olhar do pai a morte.

No conto de Rosa, o filho não estava preparado para transpor a outra margem, apenas seu pai se libertou da realidade na qual estava mergulhado com bases em valores e estruturas para transcender outras esferas. Para o narrador, o rio já não era sempre perpétuo “e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro” – o rio (ROSA, 2005, p. 82). Reforçando a imobilidade temporal do personagem a palavra rio é repetida quatro vezes como forma de representar o movimento da água que ganha a metáfora do tempo, e deixa o encerramento do conto permeado de silêncios, abrindo possibilidades de sentidos para o fluir de lembranças passadas, a influência do dito e não dito e seus mistérios existenciais.

Posto isto, o que prevalece nos contos de Guimarães Rosa e Mia Couto é uma visão de mundo metafísica e transcendente. Porém, ainda assim, ambos os autores se aproximam da natureza humana, sobretudo porque escrevem de forma aparentemente simples, mas que ao mesmo tempo não deixa de ser complexa, a ponto de colocar os seus leitores em uma posição mais ativa para reflexões, ao romper com a segurança social dos costumes e dos elementos socioculturais da vida cotidiana. Romper com as margens conhecidas pode nos levar a uma reflexão sobre a loucura atribuída ao pai e ao avô. De acordo com Nunes, a narrativa de Rosa pode ser lida a partir do paradoxo da loucura: “o da razão ou racionalidade absoluta de uma decisão irrevogável, por absurdo, uma ilustração daquela tese de Chesterton, em Ortodoxia, de que a razão total equivale à total loucura” (NUNES, 2013, p. 290) – tal formulação pode ser lida nas palavras de Rosa desta forma: “Ninguém, é doido. Ou, então, todos” (ROSA, 2005, p. 81). Loucura, barca e rio se encontram e aqui ecoa um tema bastante conhecido da literatura e das artes: a Nau dos Loucos. Uma embarcação cheia de tripulantes “loucos” que à deriva navega, sem saber para onde vão e sem se importar para onde vão. Se o pai que navega “solto, solitariamente” pode ser visto como um louco, é, contudo, de uma “doidice mansa”, conforme expressão de Nunes (2013, p. 291). Assim também é a loucura do avô, feita de “seus não propósitos”, sustentada por uma tradição ancestral que evoca um ritual de passagem, da vida para morte, do conhecido para o desconhecido. Ritual mítico que o neto deverá dar continuidade, por isso o vô lhe ensina a ver: “Eu lhe levo lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos” (COUTO, 2012, p. 13). Nesta travessia entre avô e neto está inscrita a tradição e o novo, o passado e o presente, o mito e o ritual – lembremos que o mito reatualiza-se por meio de rituais. O tempo passado continuará a se repetir graças ao neto e, no futuro, por meio de seu filho: “A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinado a vislumbrar os bancos panos da outra margem” (COUTO, 2012, p. 14).

### 3 A METÁFORA DA ÁGUA E O TEMPO MÍTICO

O livro **A água e os sonhos**, de Gaston Bachelard (1997), apresenta um estudo sobre os sentidos e a imaginação material da água. Para o filósofo, a água é uma matéria que vemos crescer em toda parte, e esse elemento aquático é um dos pontos principais para pensarmos a questão do devaneio no mundo dos poetas, da mitologia e da natureza. Bachelard estuda a simbologia da imaginação material

visível da água, tanto as águas paradas e tranquilas como as águas agitadas, distanciando-se, assim, do pensamento de que a água só passa a ganhar significação a partir de seus movimentos.

Em *A terceira margem do rio* e *Nas águas do tempo*, a imagem do pai e do avô se internalizam e se misturam ao rio, que automaticamente não podemos dissociar da água, uma vez que a água é o elemento natural de ambas narrativas. Ao analisar os contos encontramos os reflexos internos dos personagens em sua fluidez. Conforme explica Bachelard a metáfora da água se aproxima do mundo visível do sonhador através do devaneio poético, sendo o recurso mais próximo da transitoriedade: “Não nos banhamos duas vezes no mesmo no rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado água é um ser em vertigem” (BACHELARD, 1997, p. 7). A água é, assim, uma espécie de destino que transforma a substância do ser. O rio, presente nos dois contos, apresenta analogias identitárias com o pai e o avô, pois assim como as suas águas eles são quietos, calmos e tranquilos, no entanto, por trás dessa calma escondem-se homens misteriosos e enigmáticos. Neste ponto, a afirmação de Bachelard – “existe, sob as imagens superficiais da água, uma série de imagens cada vez mais profundas, cada vez mais tenazes” (1997, p. 6) –, pode ser estendida aos dois personagens: o pai é como o rio, “grande, fundo, calado que sempre”; o avô é terno e paciente, uma intimidade expressa pelo gesto de recolher “uma aguinha com sua mão em concha” e por seu posicionamento de “Sempre ir a favor da água” (COUTO, 2012, p. 10), pois ir contra corrente poderia atrair desgraças. Eles são, portanto, sujeitos que têm a intimidade e a substância das águas. O rio é metáfora do consciente e do inconsciente humanos: sua superfície é a clareza, a razão lógica, a visão real; suas águas profundas são símbolos do inconsciente, do obscuro, daquilo que não é transparente.

Não apenas as características do rio são similares à natureza subjetiva dos personagens, mas também há neles uma tripla relação metafórica entre vida, morte e água. Tanto o pai como o avô desaparecem nas águas e realizam a última travessia: “Desaparecer na água profunda ou desaparecer num horizonte longínquo, associar-se à profundidade ou à infinitude, tal é o destino humano que extrai suas imagens do destino das águas” (BACHELARD, 1997, p. 14). O destino do pai e do avô é, assim, como o destino das águas, porque seguem o seu fluir, seguem o curso do rio. Seguir o curso metaforiza uma atitude de aceitação da finitude e se “morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio” (BACHELARD, 1997, p. 77), então o pai e o avô morrem tranquilamente. Ambos partem bem e corajosamente porque executam a travessia a favor da água: “- Sempre a favor da água, nunca esqueça! Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem” (COUTO, 2012, p. 10).

O desejo do avô concretiza-se através do aceno do pano vermelho para a outra margem, na tentativa de se comunicar com os espíritos presentes do lado de “lá”. Segundo Bachelard, é através da água que ocorre a divisão do mundo visível e invisível, atendendo as necessidades do sonhador, que no caso do escritor moçambicano seria o avô: “O universo sensível é um universo infinitamente

pequeno. Os devaneios e os sonhos são, para certas almas, a matéria da beleza” (BACHELARD, 1997, p. 8). Nesse sentido, a real beleza para o avô existia no mundo de seus antepassados, ou seja, na outra margem.

*Nas águas do tempo*, o lago é inserido como um espaço interdito, dado que a água do rio não desagua no mar, mas sim em um grande lago que demarca circularidade e a divisão entre o mundo visível e o invisível. O tempo transcorre com o lago, nos levando a pensar que “o lago tem suas fronteiras bem delimitadas. Isso implica o fato de que a água do rio que ali chega, ali permanece. [...] metaforizado pelas águas que o tempo decorre numa circularidade que permite a sua permanência – ou o seu retorno” (SILVA, 2010, p. 141). O avô retorna às suas origens e a seus antepassados, sendo a água o principal elemento transitório e simbólico no resgate da ancestralidade e das crenças provindas da tradição moçambicana. Aqui a água consiste no elemento de ligação entre o passado, o presente e o futuro, incorporado nos saberes que o avô alimenta dentro de si.

Conforme explica Bachelard, é na água que materializamos os nossos devaneios, é ela que abre as portas da imaginação e do sonho, sendo assim “o destino das imagens da água segue com muita exatidão o destino do devaneio principal que é o devaneio da morte” (BACHELARD, 1998, p. 8). Nesse caso, no conto de Rosa, o pai, para conservar o sentido da viagem em sua imaginação e se desprender do mundo material, parece ter a necessidade da água, dando início a uma travessia sem destino: “Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, 2005, p. 85). Diante disso, o fato de o pai não ter ido a nenhuma parte apresenta-se como um mistério tanto para o leitor quanto para os personagens da narrativa. A expressão “meio a meio” serve de mediação entre a primeira e a segunda margem. Assim, a terceira margem é entendida como um lugar localizado no não-lugar, um espaço mítico e desconhecido, sendo o rio o elemento mediador de tempo e espaço no conto.

O rio, além de indicar um espaço de transcendência, é também metáfora do tempo: ambos são contínuos e eternos. A similaridade entre rio e tempo é expressa nas palavras do avô: “a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre.” (COUTO, 2012, p. 14). O tempo, presente nos dois contos, inscreve-se como mítico e sagrado, como um tempo que ultrapassa a dimensão histórica e a ultrapassa porque pai e avô realizam uma experiência religiosa que tanto terrifica como atrai.

Mircea Eliade, apoiando-se nas ideias de Rudolf Otto, descreve a experiência religiosa como aquilo que nos apavora e fascina:

Descobre-se o *sentimento de pavor* diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas* que exala uma superioridade esmagadora de poder; encontra o temor religioso diante do *mysterium fascinans*, em que se expande a perfeita plenitude do ser. [...] O numinoso singulariza-se como qualquer coisa de *ganz andere*, radical e totalmente diferente: não se assemelha a nada de humano ou cósmico; em relação ao *ganz andere*, o homem tem o sentimento de sua profunda nulidade, o

sentimento de “não ser mais do que uma criatura” (ELIADE, 2008, p. 16, grifos do autor).

Porque o sagrado manifesta-se como uma realidade diferente da ordem do natural, porque ele é uma expressão do *ganz andere* – expressão usada por Otto que pode ser traduzida como “todo outro”, “grandioso” – ele não se insere na esfera do conhecido e do familiar, daí a existência de uma terceira margem e do lago para representar a experiência do sagrado. O homem é incapaz de nomear e descrever o *ganz andere*, a linguagem consegue apenas sugerir tal experiência e, como afirma Eliade, para representá-la utilizam-se “termos tirados dessa mesma experiência natural” (ELIADE, 2008, p. 16). Por isso a canoa parece-se com um jacaré ou com um tronco, por isso a experiência do pai e do avô são narradas como pertencentes a uma outra margem.

A esfera do *tremendum* é vivenciada pelo filho e pelo neto, pois ambos, a princípio, não compreendem as atitudes do pai e do avô. O filho rejeita ocupar o lugar do pai, talvez compreendendo o sentido daquela travessia sem fim na iminência de sua morte; o neto, por sua vez, espanta-se com as idas ao lago e o aceno do avô ao invisível, mas tarde, depois de ter aprendido a ver, consegue vislumbrar as criaturas invisíveis. Apesar do pavor diante o inefável e o incerto, perante o *ganz andere*, filho e neto sentem medo e incompreensão, mas ao mesmo tempo, diante do *mysterium fascinans* sentem-se atraídos: o filho permanece na margem do rio, como se este tivesse uma força de atração, e o neto retorna continuamente ao rio fascinado, compreendendo a dimensão sagrada daquele espaço.

Poderíamos pensar numa oposição entre sagrado e profano presentes nos dois contos: as margens de lá e de cá, conhecidas e visíveis representam o profano e por isso inserem-se no tempo histórico; a terceira margem e o lago, por sua vez, estão no espaço e tempo sagrados. Este é definido por Eliade nestes termos:

*O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência o Tempo sagrado é indefinitivamente recuperável, indefinidamente repetível. [...] É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota (ELIADE, 2008, p. 63-64, grifos do autor).*

Nesse sentido, tanto o pai como o avô podem ser definidos como homens religiosos, no sentido que lhe confere Eliade (2008), pois ambos vivem nas duas espécies de Tempo. Enquanto o tempo sagrado é reversível e circular, possível de ser recuperado pela linguagem dos ritos, o tempo profano define-se como um

presente histórico, o aqui e o agora. *A terceira margem do rio* representa esse ser e estar nas duas categorias do tempo, pois o pai abandona sua existência social e histórica, familiar e cultural para viver numa espécie de presente eterno que será, mais tarde, repetido pela concretização do desejo do filho de partir numa canoa, “nessa água, que *não para*, de longas beiras” (ROSA, 2005, p. 82, grifos nossos). A expressão destacada revela esse tempo contínuo e eterno, portanto sagrado, que poderá ser repetido pelo gesto do filho, ou pelo menos por sua narrativa memorialística, uma vez que rememorar é reviver, repetir, tornar o passado presente novamente. *Nas águas do tempo*, o avô é aquele que vivencia o tempo sagrado e profano, nas suas idas e vindas do lago. Tal deslocamento já sugere a repetição e a renovação de gestos rituais, reforçado, ainda, pelo sentido de ensinamento e de ritual iniciático experimentado pelo neto, assumindo este o papel de neófito. O lago, lugar sagrado em que desaguava o rio, também representa a tentativa do homem histórico de vivenciar o tempo mítico e sagrado, torná-lo repetível e circular por meio das futuras gerações: o neto e o bisneto, representantes de uma sucessão de eternidades, de um tempo que é sempre o mesmo.

Podemos associar este tempo a um acontecimento ocorrido na origem, naquilo que Eliade denomina de *in illo tempore*: “Cada mito mostra como uma realidade veio à existência, seja ela a realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, uma instituição humana” (ELIADE, 2008, p. 86). O tempo dos primórdios está representado pelo lago, lugar misterioso e sagrado, onde, segundo o avô, nasceu o primeiro homem: “Estávamos na margem onde os verdes se encamiçam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas” (COUTO, 2012, p. 11). Nesse lugar o tempo era só eternidade, porque ali se encontra não apenas a origem de algo situado no *in illo tempore*, mas o é o lugar do mito do eterno retorno, simbolizado pelas idas e vindas do avô e, mais tarde, as do neto. O rio é o entre-lugar da experiência e existência passada de geração em geração pela tradição da oralidade. Sendo assim, o objetivo do avô era passar o conhecimento de seus antepassados ao seu neto.

Outro ponto que merece destaque é a simbologia do aceno dos panos vermelhos e brancos. Estes simbolizam a passagem de um estado a outro, da vida à morte, por isso o pano do avô vai sofrendo um “desmaio de cor”: “e vi: o vermelho do pano dele se *branqueando*” (COUTO, 2012, p. 14, grifo nosso), indicando uma ação contínua, que se perpetua no tempo, pois para o homem religioso, que vive o tempo mítico e sagrado, a morte não é um fim: “o homem das sociedades primitivas não se considera ‘acabado’ tal como se encontra no nível natural da existência: para se tornar um homem propriamente dito, deve morrer para esta vida primeira (natural) e renascer para uma vida superior, que é ao mesmo tempo religiosa e cultural” (ELIADE, 2008, p. 152). Neste sentido, estar no meio do rio, na terceira margem, ou no lago, é experimentar um plano sobre-humano.

Vejamos que o pai é praticamente levado pelo um rio a uma travessia perpétua e nela ele parece subverter a lógica temporal quando está na terceira margem, pois se passam vários anos e ele continua no mesmo lugar. Como se o tempo fosse suprimido ou reinventado. Isto não significa que permanecendo no rio ele esteja fora do tempo cronológico, pois ele envelhece, mas a sua experiência de vivência não pertence mais ao mundo profano e histórico. O filho, por sua vez, não

consegue se desprender do tempo presente e histórico. Ele acena para o pai e propõe a troca, mas diante do pavor de sua realização, como ele, ao contrário do neto não passou pelo ritual iniciático, fica preso “aos rasos do mundo”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A terceira margem do rio* e *Nas águas do tempo* temos a representação do rio e do homem em seu processo de transcendência. O pai, diante de sua busca para o desconhecido e em seu desprendimento do mundo material, e o avô, em seu rito de passagem para o lado de lá da outra margem, realizam uma travessia por meio de uma barca. Esta, como vimos, guarda em sua própria configuração descritiva elementos que a caracterizam tanto como cultural como natural, constituindo-se ela própria como pertencente a um estado intermediário. Assim como o rio, pois em ambas as narrativas ele representa o espaço onde a travessia acontece, espaço entre o conhecido e o desconhecido, entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano. É no rio que a viagem se faz, formando, deformando e transformando as existências daqueles que nele partem e daqueles que ficam a sua margem. Neste sentido, o rio e a travessia que nele se dá ganha um sentido de Destino, um Destino que segue o curso das águas do rio. Rio/água, barco e travessia definem a existência do pai e do avô, assim como a do filho e a do neto.

Apontamos várias semelhanças entre os dois contos, mas há entre eles uma diferença substancial: em *A terceira margem do rio* ir a outra margem, realizar a travessia e alcançar o desconhecido, ou mesmo a morte, é um ato individual e solitário. Primeiro o pai realiza essa viagem, “solto solitariamente”, mais tarde o filho fará a travessia também sozinho. Diz ele: “no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras; e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (ROSA, 2005, p. 82). No conto *Nas águas do tempo*, por sua vez, a travessia a outra margem é uma experiência que foi transmitida e ensinada, do avô para seu neto e, depois, do neto para seu filho. E como experiência compartilhada e ritualística ela se insere no tempo como pertencimento a um grupo, como um ato coletivo, e por isso ela é realizada sem grandes sofrimentos ou amargura. Dessa forma, no conto de Mia Couto a finitude é compreendida como natural, assim como as águas do rio; em Guimarães Rosa, o filho não realiza a troca, não há o ensinamento de uma experiência, e assim ele fica amargurado e com pavor diante da iminência de realizar a *sua* travessia.

As duas estórias são carregadas de simbologias e reflexões que nos desafiam a repensar a vida, a morte, a perda profunda, e a transcender espaços inomináveis por meio da literatura e do universo da linguagem poética. A arte não tem apenas a função de refletir, mas também de transcender. A partir dessa importância, Mia Couto e Guimarães Rosa nos apresentam uma travessia existencial, revelando que diante essa viagem todos temos uma terceira margem, margens desconhecidas, que fundamentam a nossa identidade, o nosso ser e estar no mundo.

---

**Referências**

---

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. Entrevista à Carta Capital. **Portal Raízes**, 2016. Disponível em: <<https://www.portalraizes.com/1mia-couto-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NUNES, Benedito. **A rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 19-47.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto**. UNESP: São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sx4bj>>. Acesso em 15 fev. 2021.

---

**Para citar este artigo**

---

PAGOTO, C.; PEREIRA, A. Q. Os rios da transcendência de Guimarães Rosa e Mia Couto. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 6, 2021, p. 1-14.

---

**Os autores**

---

CRISTIAN PAGOTO é professora Adjunta do Colegiado de Letras da Unespar-Paranaguá. Área: Literatura Portuguesa.

ARIANE QUEIROZ PEREIRA é acadêmica do curso de Letras Português e Respektivas Literaturas. Bolsista de Iniciação Científica (PIC) da Fundação Araucária.